

Boa Nova para cada dia / abril 2017

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos e Tríduo Pascal)

Tempo da Quaresma – Domingo de Ramos na Paixão do Senhor

Tempo Pascal – Tríduo Pascal / Domingo da Ressurreição

TEMPO DA QUARESMA

Sáb, 1 – SEMANA IV DA QUARESMA / 1.º SÁBADO

Jer 11, 18-20 / Slm 7, 2-3.9-12 / Jo 7, 40-53

Acaso a nossa Lei julga um homem sem antes o ter ouvido e saber o que ele faz? (Evang.)

Mas nós julgamos (criticamos) com grande facilidade, e isso é terrível, porque nos envenena. Julgamos muito pelas aparências. Temos que pedir a Deus verdade e profundidade no nosso julgamento. Nós temos sempre tendência para julgar, fazemos sempre um julgamento; a questão é que coração é que julga: um coração de carne ou um coração de pedra, um coração venenoso ou um coração bondoso?

Dom, 2 – DOMINGO V DA QUARESMA – Ano A

Ez 37, 12-14 / Slm 129 (130), 1-8 / Rom 8, 8-11 / Jo 11, 1-45

No Domingo passado, o Evangelho apresentava-nos um cego de nascença. Diante da pergunta dos discípulos de quem seria a culpa da cegueira, o Senhor deixa claro que aquela cegueira é «lugar» da manifestação da glória de Deus. Hoje é a morte que Jesus transforma em manifestação das obras de Deus (Jo 11, 4).

Cristo prepara-Se para enfrentar a sua Páscoa e São João

tenta fazer com que possamos viver profundamente a Páscoa do Senhor. Era para os discípulos, e continua a ser para nós, discípulos de hoje, muito difícil compreender a Paixão e a Morte do Senhor, uma aparente derrota, como sendo a manifestação da glória de Deus. De facto, é na cruz que Cristo glorificará o Pai e o Pai glorificará o Filho. É a morte do Senhor que

nos mostra a verdade de quem é o Filho e de quem é o Pai.

Esta passagem, que nos relata o regresso de Lázaro a esta vida, serve para purificar o conceito que temos da vida e da morte. Sem isto, não podemos mergulhar no mistério da Páscoa e ficaremos sempre a olhar para a superfície daquilo que a Cruz de Cristo nos revela.

São João diz-nos que Lázaro está morto há já três dias. Marta, que acredita que «*ele há de ressuscitar na ressurreição do último dia*», insiste que Lázaro «*já cheira mal*» e, embora Cristo lhe diga que Ele é a ressurreição e a vida, ela responde que acredita que Ele é o messias, parecendo não compreender aquilo que o Senhor lhe está a dizer.

Mas o que é a ressurreição? Voltar a esta vida? Voltar a este corpo mortal? Ninguém ressuscitará dos mortos. Ninguém. Só o Filho. São João está sempre a insistir, ao longo do seu Evan-

gelho, que quem *acredita no Filho tem a vida do Eterno*. João não diz: «*terá*», mas «*tem*»! Quem acredita no Filho tem em si a vida do Eterno, isto é, do Pai. Quem acredita no Senhor tem em si a vida definitiva. «*Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e Eu hei de ressuscitá-lo no último dia*» (Jo 6, 54), diz o Senhor. Todo o Evangelho de João aponta para isto: aquele que come a carne e bebe o sangue do Senhor não morrerá porque tem em si a vida do Eterno. «*Acreditas nisto?*».

O milagre da reanimação de Lázaro é sinal disto mesmo: o *Senhor é a vida!* O importante não é uma passagem da morte à vida, mas a passagem da vida à vida em Cristo. Por isso é que São Paulo nos diz que o Batismo é a verdadeira morte (Rom 6, 4), porque passamos da vida da carne à vida em Cristo.

A Ressurreição é a passagem ao Pai, à vida nova do Espírito.

Seg, 3 – SEMANA V DA QUARESMA

Dan 13, 1-9.15-17.19-30.33-62 ou Dan 13, 41c-62 / Slm 22 (23), 1-6 / Jo 8, 1-11
Falavam assim para Lhe armarem uma cilada. (Evang.)

Se armamos uma cilada a alguém é porque não temos um coração puro. É uma coisa que às vezes acontece, ou para levarmos a pessoa a dizer o que queremos, ou para fazermos troça dela, ou para tirarmos informações. Seja como for, é sempre com má intenção. Peçamos a Deus pureza de coração, pureza de intenção.

Ter, 4 – SEMANA V DA QUARESMA

Num 21, 4-9 / Slm 101 (102), 2-3.16-21 / Jo 8, 21-30

... não me deixou só, porque Eu faço sempre o que é do seu agrado. (Evang.)

Felizmente que conosco isto não se passa assim. Quero dizer, não temos que fazer o que é do agrado de Deus para Deus não nos deixar sós. Quando nós pecamos, Deus vem à nossa procura, Deus vem à procura da ovelha perdida, vem à procura de que ela se deixe agarrar e trazer para o aprisco. Às vezes, é um amigo que nos toca, uma pessoa estranha, um texto que nos comove...

Qua, 5 – SEMANA V DA QUARESMA

Dan 3, 14-20.91-92.95 / Dan 3, 52-56 / Jo 8, 31-42

A verdade vos libertará. (Evang.)

Quando penso nesta expressão, «a verdade vos libertará», penso sempre numa verdade desagradável. Entendendo que o problema está sempre dos dois lados, durante anos pensei que mal é que teria feito a umas pessoas que estavam sempre contra mim. Uma amiga minha chamou-me a atenção para o facto de o problema não ter que estar sempre dos dois lados, dizendo-me que havia muita gente contra Jesus a quem Jesus não tinha feito mal nenhum. A verdade pode ser uma coisa boa. Hoje, o leitor peça abertura a ela.

Qui, 6 – SEMANA V DA QUARESMA

Gen 17, 3-9 / Slm 104 (105), 4-9 / Jo 8, 51-59

Se Eu me glorificar a Mim próprio, a minha glória não vale nada. (Evang.)

Só a glória que tem a sua origem em Deus permanece eternamente. E o que é a glória que tem origem em Deus? A glória que nos vem do quanto amamos. É uma glória escondida nos nossos corações, uma glória que não se vê. A nossa glória vem-nos da classe social, vem-nos do emprego, do que temos, do que vestimos, da nossa aparência, quando devia vir do fogo do nosso amor. Aí viria de Deus. O leitor peça humildade.

Sex, 7 – SEMANA V DA QUARESMA / 1.ª SEXTA-FEIRA

Jer 20, 10-13 / Slm 17 (18), 2-7 / Jo 10, 31-42

Eu vos amo, Senhor, minha força. (Salmo)

Este é um salmo de louvor. Hoje, proponho ao leitor uma oração de louvor. Louve a Deus por várias coisas que tenha recebido d'Ele. Por exemplo, ontem. Escreva-as num papel e vá louvando a Deus, repetidamente. Talvez fique só por uma. A seguir a essa, louve a Deus, ao Senhor, ao Pai, ou ao Filho, ou a quem lhe der jeito. Agradeça devagar, repetitivamente...

Sáb, 8 – SEMANA V DA QUARESMA

Ez 37, 21-28 / Jer 31, 10-13 / Jo 11, 45-56

... obedecerão às minhas leis. (1ª Leit.)

As leis de Deus não são as leis dos homens. As leis de Deus fazem o seu lar na nossa alma, no mais íntimo de nós e partem daí para as nossas ações. As leis dos homens vêm de fora, as leis de Deus vêm de dentro, as leis de Deus mobilizam o nosso interior e formam a nossa consciência e são o que nos diz como – e se – obedecer às leis dos homens. As leis de Deus estruturam-nos por dentro. Peçamos docilidade a elas.

Dom, 9 – DOMINGO DE RAMOS NA PAIXÃO DO SENHOR – Ano A / Dia da Juventude

Is 50, 4-7 / Slm 21 (22), 8-9.17-20.23-24 / Filip 2, 6-11 / Mt 26, 14 – 27, 66

A liturgia deste *Domingo de Ramos na Paixão do Senhor* começa do lado de fora da igreja, com a leitura do Evangelho da entrada messiânica do Senhor em Jerusalém (Mt 21, 1-11). Depois, já dentro da igreja, rezamos o Evangelho da Paixão. Esta é a chave com a qual a Igreja nos convida a entrar na Semana

Santa e a viver de um modo cada vez mais profundo o mistério do Amor de Deus na nossa vida e em toda a História.

Entrando em Jerusalém, o Senhor é recebido com ramos de palmeira. No Antigo Testamento, vemos que estes ramos significam o triunfo, são usados na entrada triunfal de um

rei regressando de uma batalha em que saiu vitorioso, mas têm também outro significado: são o sinal da paz. Quando se assinava a paz entre duas partes em conflito, o Sumo Sacerdote enviava o ramo de palmeira e quem o recebia percebia que estavam finalmente em paz. A entrada de Jesus em Jerusalém é uma entrada do triunfo da paz: a paz será finalmente universal!

Mas o que significa o triunfo do Senhor? Quando dizemos que alguém *trionfou* significa necessariamente que alguém *perdeu*, alguém *chora* para que o outro possa *trunfar*. Quando regressa um rei que triunfou numa batalha, isto significa que, nalguma parte, ficaram viúvas e órfãos a chorar. Até no desporto, quando uma equipa triunfa, outra, desconsolada, terá ficado em segundo lugar. Na nossa mentalidade do mundo, triunfar significa sempre excluir alguma coisa ou alguém. Sempre.

Na Paixão, vemos finalmente o significado do triunfo de Cristo, vemos como o Senhor Se

identifica com o carrasco, com aquele que O condena e com o condenado, perdendo a todos. Ele incarna, mete-Se por dentro da nossa história seriamente e caminha connosco como condenado e acaba como criminoso. É assassinado inocentemente.

«*Salve, o Rei dos Judeus*», gritam os carrascos do Senhor. É a coroação do mais pequeno dos homens, daquele que Se fez último, abdicando de tudo. O mais pequeno, o último é o nosso Rei! Depois desta proclamação pública, coroado de espinhos, seguirá o seu cortejo triunfal e será finalmente entronizado diante de todo o povo. A sua proclamação é a condenação à morte inocente; a sua coroação é de espinhos, o seu cortejo de triunfo é a *via sacra* e o seu trono a cruz. É do alto do seu trono que Jesus, o nosso Rei, cumpre o juízo definitivo de Deus sobre a humanidade. Os reis deste mundo castigam os inimigos e premeiam os amigos. Ele vence toda a inimizade, todo o ódio, perdendo e amando a todos, *sem exceção*, até ao fim.

Seg, 10 – SEGUNDA-FEIRA DA SEMANA SANTA

Is 42, 1-7 / Slm 26 (27), 1-3.13-14 / Jo 12, 1-11

O meu eleito (...) não se fará ouvir nas praças. (1ª Leit.)

Aquele que vem trazer a libertação será discreto, não quebrará a cana já fendida, não apagará a torcida que ainda fumea, protegerá a torcida batida pelo vento (Is 42), pegará gentilmente na alma do outro para a consertar. Assim será o leitor se o seu coração se for moldando ao outro cada vez mais, se for sendo cada vez mais atento ao outro. Peça-o, leitor, peça-o muito. Com calma, em sussurros.

Ter, 11 – TERÇA-FEIRA DA SEMANA SANTA

Is 49, 1-6 / Slm 70 (71), 1-6ab.15.17 / Jo 13, 21-33.36-38
O Senhor chamou-me desde o ventre materno. (1ª Leit.)

Desde o ventre materno que estamos preparados para amar. Vamos aprendendo a amar aos poucos, a nossa mãe vai-nos ensinando a não sermos egocêntricos, depois a emprestarmos os nossos brinquedos, vamos aprendendo a socializar, vamos aprendendo a ser generosos. A certa altura, aprendemos que Jesus deu a vida por nós. É toda uma educação para o amor, até hoje, em que devemos saber amar nas pequenas e grandes coisas do dia a dia. O leitor, hoje, agradeça o seu percurso.

Qua, 12 – QUARTA-FEIRA DA SEMANA SANTA

Is 50, 4-9a / Slm 68 (69), 8-10.21bcd-22.31.33-34 / Mt 26, 14-25
Todas as manhãs Ele desperta os meus ouvidos para eu escutar. (1ª Leit.)

Amanhã é quinta-feira santa. O leitor vai ter quatro dias de cerimónias, que se calhar são só três, porque na quinta trabalhará. Vão ser umas cerimónias provavelmente bonitas, com o seu quê de solene, emocionantes, as cerimónias mais importantes do ano litúrgico. Ora, toda esta liturgia só tem valor se levar o leitor a amar mais. Vai levar?

TRÍDUO PASCAL

Qui, 13 – QUINTA-FEIRA SANTA

Ex 12, 1-8. 11-14 / Slm 115 (116), 12-13.15-18 / 1 Cor 11, 23-26 / Jo 13, 1-15

Quinta-feira Santa. Entramos hoje no Tríduo Pascal, que nos conduzirá, através da Paixão do Senhor, à glória da sua ressurreição. Este é o núcleo central da nossa fé, do Mistério da Salvação.

Para nos introduzir no mistério da Eucaristia, que hoje meditamos de modo particular, a Igreja propõe, todos os anos, que meditemos e rezemos o texto do *Lava-pés*. Esta ação simbólica de Jesus é o princípio e o fundamento da segunda parte do Evangelho de São João.

Com um início muito solene, o narrador diz-nos que o Senhor, sabendo que tinha chegado a sua hora, leva o amor até ao ex-

tremo, até ao seu cumprimento. Vemos, nos gestos do Senhor, o amor realizado. É Ele quem nos diz que o Amor se realiza no serviço: este não é simplesmente um sinal do amor, mas é a sua realização efetiva na nossa vida. Lavar os pés é representativo de todo o serviço no qual o Amor se torna real.

Esta é a hora do amor perfeito que se realiza totalmente na cruz. Esta é a hora da glória de Jesus, em que *tudo está cumprido*. E também nós, Igreja, corpo de Cristo, somos chamados a levar o amor até ao fim, a realizar na nossa vida o Amor que é Deus em nós servindo.

Sex, 14 – SEXTA-FEIRA SANTA

Is 52, 13 – 53, 12 / Slm 30 (31), 2.6.12-13.15-17.25 / Hebr 4, 14-16; 5, 7-9 / Jo 18, 1 – 19, 42

«*Tudo está consumado*». Estas são as últimas palavras de Jesus, depois de ter dado tudo, amando até ao fim. Cumpre a sua vida. Revelando a glória do Amor, entrega-Se ao Espírito que agora, pela sua entrega, também nós conhecemos. A Boa Notícia, o Evangelho, é que o mesmo Espírito Santo, isto é, a Vida de Deus que habita Jesus Cristo, é a mesma Vida que nos é oferecida. Somos habitados pelo Espírito Santo. Isto é: também em nós habita a vida de Deus.

A morte de Jesus não é simplesmente o seu fim, mas é o atingir da plenitude da sua vida, que assim é totalmente realizada. Ele não Se deixou enganar, não acreditou na tentação que nos tenta a todos convencer que a *vida deste mundo* é a única coisa importante: Ele bem sabia que *esta vida* é um dom e que um dom não se desperdiça, mas sabia também que *esta vida* tem uma meta e é realizada na medida em que realizamos em nós essa mesma meta. Assim, Ele vi-

veu com o coração centrado no essencial e por isso mesmo levou ao cumprimento total a sua vida, amando até ao extremo.

Esta é a hora do Senhor, a hora da glória do Filho, a hora da nova criação. Jesus, dando a sua vida, entregando o seu Es-

pírito ao Pai, dá-nos a vida, realiza para nós o reino de Deus. Leva toda a criação ao seu cumprimento definitivo, liberta-nos para sempre, fazendo de nós comunidade de irmãos e irmãs unidos num só corpo, o Corpo de Cristo.

TEMPO PASCAL

Sáb, 15 – SÁBADO SANTO – SOLENE VIGÍLIA PASCAL – Ano A

Gen 1, 1 – 2, 2 / Gen 22, 1-18 / Ex 14, 15 – 15, 1 / Is 54, 5-14 / Is 55, 1-11 / Bar 3, 9-15.32 – 4, 4 / Ez 36, 16-17a.18-28 / Rom 6, 3-11 / Mt 28, 1-10

Ontem víamos Cristo carregado com a mentira, o mal, todo o pecado deste mundo. Agora vemos entre nós o Ressuscitado, o *homem realizado*. Cristo ressuscitado mostra-nos para onde estamos a caminhar na nossa vida. Mostra-nos o «*fim dos tempos*», mostra-nos a comunhão dos santos, como seremos também nós quando o Amor for tudo em nós. Mostra-nos aquilo que São João descreve no livro do Apocalipse: a praça de ouro da Jerusalém celeste, a meta para toda a humanidade.

É curioso que, tal como na gruta em Belém foram os Anjos a anunciar aos pastores que entre os pobres e abandonados tinha nascido o Salvador, seja também agora um Anjo a anunciar *uma grande alegria*. «Não tenhais

medo... Ressuscitou!», diz o Anjo às mulheres. O Senhor não está no túmulo, entre os mortos, está vivo! Ele é a vida!

Este é o centro da nossa fé. É este o anúncio que os primeiros cristãos não podiam calar dentro de si. *Cristo está vivo! Ele ressuscitou! Aquele que esteve pendurado na cruz, Aquele que foi depositado num sepulcro está vivo! Venceu a morte!*

O Evangelho desta Vigília Pascal, a mais importante vigília do calendário litúrgico, narra-nos a experiência da manhã de Páscoa: as mulheres que tinham contemplado a cruz escutam agora o anúncio e veem o Senhor. Tanto o anjo como Jesus dizem a mesma coisa: a Palavra, o Filho ressuscitado *é para todos!* Não é só para con-

solar os seus amigos que Ele aparece, mas para que estes, partindo para a Galileia, isto é, para a vida do dia a dia, da normalidade do quotidiano, sejam, no concreto das suas vidas, enviados a anunciar a todos os povos que Cristo está vivo.

Estas mulheres que foram ao sepulcro e abraçaram os pés do Senhor recebem de imediato a missão de ir anunciar aos irmãos o sucedido. Todo o Evangelho nos indica a missão de irmos «depressa» anunciar que o Senhor está vivo e presente na nossa vida de cada dia. É

assim que realizamos a nossa vocação de filhos, é assim que estamos com Ele todos os dias da nossa vida, é assim que levamos até ao fim a missão de Jesus. É no encontro com os outros que se encontra o Outro. É amando que se encontra o Amor. Amando os irmãos, somos animados pela mesma Vida que anima Jesus Cristo.

O sepulcro está vazio. O Senhor não está ali, mas estará sempre nos irmãos, no mais pequeno dos nossos irmãos, e poderemos encontrá-Lo sempre quando vamos ao encontro deles.

Dom, 16 – PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO DO SENHOR – Ano A

At 10, 34a.37-43 / Slm 117 (118), 1-2.16-17.22-23 / Col 3, 1-4 ou 1 Cor 5, 6b-8 / Jo 20, 1-9

«Ontem nascíamos filhos dos homens; hoje nascemos filhos de Deus», diz São Gregório de Nissa numa homilia do Domingo de Páscoa.

O que nos acontece quando encontramos o Ressuscitado? Que efeito tem na nossa vida esse encontro? Se nos encontramos com a luz, ficamos iluminados; com fogo, queimados; se nos encontramos com a água, ficamos molhados. E com o Ressuscitado? O encontro com Ele, que é a Vida, dá-nos a vida, dá-nos o Espírito Santo. São João,

no Evangelho que neste grande Domingo da nossa salvação a Igreja nos propõe, não está nada preocupado em demonstrar a ressurreição de Jesus. É claro que Ele ressuscitou! Se não ressuscitou, é *vã a nossa fé*, como diz São Paulo! O que é realmente importante é perceber o que nos acontece quando fazemos a experiência de O encontrar através da sua Palavra.

São João narra-nos como, na manhã do domingo de Páscoa, Maria Madalena, bem cedo, ainda escuro, vai ao sepulcro.

Encontra-o vazio e vai imediatamente, a correr, ter com Pedro e com o discípulo «*que Jesus amava*». Pedro é o primeiro dos dois a entrar no sepulcro. Repara que este está vazio, sem nenhuma explicação aparente, e percebe que o corpo não pode ter sido roubado.

O outro discípulo, aquele que Jesus amava, vendo as mesmas coisas, acredita que Jesus ressuscitou. Isto significa que, para podermos compreender a ressurreição, precisamos de amar. Só o amor nos permite reconhecer o encontro com o Ressuscitado. Só amando podemos conhecer uma pessoa! Podemos até explicar vezes sem fim, mas, sem amar, ninguém poderá perceber que o Senhor está vivo. Quem O ama, encontra-O sempre!

Só o amor nos pode fazer ver que esta é a vitória definitiva do Amor sobre a morte. O Senhor incarnou até ao fim, até onde todos iremos um dia. Só assim poderemos ver como a morte não

é um mal: mal é o nosso modo de entender a morte. Nós somos criaturas, seres limitados no tempo e no espaço. Isto significa que só podemos estar num lugar de cada vez e que temos um determinado número de anos para viver. O nosso limite, a morte, é lugar para a salvação. A morte é o fim de tudo se eu sou para mim o centro de tudo. Se sou eu o centro da minha vida, então na morte tudo termina. É isto o pecado: fazer de mim o centro da minha vida. Mas se me descubro filho muito amado de Deus, então o meu limite torna-se o lugar de comunhão com o Pai.

A ressurreição é o grande mistério da nossa salvação. Na verdade, o Senhor não nos livra da morte. Esta é uma passagem que todos faremos, mas Ele não nos destina à morte, mas à Vida. A nossa morte física é o nascimento para a vida plena, a vida dos filhos de Deus, por isso, *ontem nascíamos filhos dos homens; hoje nascemos filhos de Deus!*

Seg, 17 – 2º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

At 2, 14.22-33 / Slm 15 (16), 5.8-11 / Mt 28, 8-15

Vós não abandonareis a minha alma na mansão dos mortos. (Salmo)

Quando conhecemos uma pessoa, a nossa confiança nela é pequena. É depois de a conhecermos bem que temos a certeza que, se for preciso, nos vai buscar à mansão dos mortos. Do mesmo modo, se Deus não nos for familiar, quando estivermos na mansão

dos mortos (em grande sofrimento), em vez de paz teremos dúvidas. Assim, rezemos para que Ele Se torne o centro das nossas vidas.

Ter, 18 – 3º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

At 2, 36-41 / Slm 32 (33), 4-5.18-20.22 / Jo 20, 11-18

... vou subir para o meu Pai e vosso Pai. (Evang.)

Jesus é o caminho para o Pai, que é o nosso (cf. Jo 14, 6), e é o modelo de relação com o Pai. Debrucemo-nos sobre algo característico da relação de Jesus com o Pai: falava muito com o Pai. Às vezes, antes de fazer alguma coisa importante. Falava com o Pai quando estava aflito. Era caminho de outros para o Pai. Mostrava o Pai a outros, ensinava a rezar ao Pai. Hoje, o leitor podia acolher um destes traços e meditar sobre ele.

Qua, 19 – 4º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

At 3, 1-10 / Slm 104 (105), 1-4.6-9 / Lc 24, 13-35

(...) anunciai entre os povos as suas obras [de Deus]. (Salmo)

As obras de Deus anunciam-se sobretudo com outras obras: fazemos o nosso dever em vez de irmos passear (o que não é difícil quando se gosta do dever), ouvir alguém muito maçador que precisa de ser ouvido, dar aquele último bocadinho que nos estava a apetecer tanto, não tirarmos o melhor bocado. Estas obras são as «obras de Deus encarnadas». Peçamos esse dom.

Qui, 20 – 5º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

At 3, 11-26 / Slm 8, 2a. 5-9 / Lc 24, 35-48

Senhor, nosso Deus, (...) que é o homem para que Vos lembreis dele? (Salmo)

No sentido que o salmo dá à pergunta, a resposta é «nada». Talvez fosse mais natural que o homem se lembrasse de Deus, porque é de Deus que lhe há de vir uma felicidade imensa. Mas esta felicidade está no fundo de uma mina. O processo para lá se chegar é escavar, insistir, transpirar, chorar, rir, entusiasmar-se, desistir e continuar. É um trabalho individual e em equipa. Hoje, talvez possamos pedir: «Senhor, ensina-me a rezar melhor».

Sex, 21 – 6º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

At 4, 1-12 / Slm 117 (118), 1-2.4.22-27a / Jo 21, 1-14

Lançaram a rede e já mal a podiam arrastar. (Evang.)

Lançaram as redes porque obedeceram à ordem de Jesus, contra toda a esperança. E obedeceram porque tinham uma boa relação com Jesus. Nós também podemos ter uma boa relação com Ele, é uma questão de rezarmos bem. É bom termos em conta que o tipo de orações e o sítio não são indiferentes: uma novena, um terço, rezarmos num santuário, numa igreja, na missa, em nossa casa. Peçamos a graça de sabermos o que nos convém.

Sáb, 22 – 7º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

At 4, 13-21 / Slm 117 (118), 1.14-21 / Mc 16, 9-15

Dai graças ao Senhor porque Ele é bom. (Salmo)

Dar graças a Deus por Ele ser bom parece redundante, parece-se com dar graças a Deus por Ele ser Deus. Mas é o nosso reconhecimento. Este agradecimento é um ato de amor, não é um ato puramente racional. Ao agradecermos a Deus por Ele ser bom, estamos a crescer em delicadeza. O leitor experimente durante uns dias. A delicadeza aproxima tremendamente. (Por isso é que as boas maneiras são tão importantes.)

Dom, 23 – DOMINGO II DA PÁSCOA – Ano A

At 2, 42-47 / Slm 117 (118), 2-4.13-15.22-24 / 1 Pedro 1, 3-9 / Jo 20, 19-31

«Na tarde daquele dia...». Assim começa o Evangelho deste Domingo. Mas, de que dia está São João a falar? O Domingo da Ressurreição, o dia do Senhor, o dia sem ocaso. Para São João, a ressurreição e a descida do Espírito Santo acontecem no mesmo dia, o dia que é «hoje», o oitavo dia em que vivemos.

Na última ceia, Jesus disse

que não deixaria os discípulos órfãos, que estes não ficariam sozinhos, que Ele voltaria para lhes dar a sua Paz e a sua Alegria e que faria deles suas testemunhas pela força do Espírito Santo. Neste «hoje» da nossa salvação, Jesus cumpre a sua promessa «soprando» o Espírito Santo sobre os discípulos.

Dentro do Cenáculo, no entan-

to, os apóstolos encontram-se na mesma situação que nós: Maria Madalena e as outras mulheres já lhes anunciaram que viram o Senhor, eles já constataram que o sepulcro está vazio, mas a Ele não O viram, até dizem que aquilo que Maria Madalena diz é um delírio de mulheres (cf. Lc 24, 11ss). O anúncio da Boa-Notícia chegou aos ouvidos deles, mas não acreditaram no mensageiro.

É aqui, no Cenáculo, o lugar da Eucaristia, o lugar da reunião da comunidade, que a experiência de fé tem lugar. É no seio da comunidade que os Apóstolos experimentam que o Senhor está vivo. É no seio da comunidade reunida à volta do altar que nós, como os apóstolos, experimentamos que o Senhor está vivo no meio de nós.

Os evangelistas, quando nos narram os acontecimentos, procuram relatar as coisas que aconteceram aos primeiros e que podem também acontecer na nossa vida. Maria Madalena e os Apóstolos viram o Senhor ressuscitado, uma coisa que aconteceu aos primeiros e nunca mais se repete; mas São João transmite-nos aquilo que acon-

teceu com eles e pode acontecer na nossa vida. Mesmo se nunca O veremos na nossa vida mortal, a paz, a alegria, o sermos enviados aos outros, o perdão, a misericórdia, o dom do Espírito Santo, tudo isto também nós podemos ter. Aquilo que João sublinha é que as graças que os Apóstolos recebem são também para nós. Todos os dons que Jesus lhes concede são também para nós.

Tomé, tal como nós, não viu o Senhor ressuscitado, não esteve presente, não acredita nas palavras de quem esteve presente, não acredita no testemunho dos outros, mas oito dias depois, isto é, voltamos ao mesmo dia, o dia em que se celebra a Eucaristia, o dia do Senhor, ele está presente. O Senhor está sempre presente. Sempre que celebramos a Eucaristia, Ele está presente. Sempre que nos reunimos em seu nome, Ele está presente. E Tomé acredita.

São João diz-nos que aquilo que viu é aquilo que nos narra para que, acolhendo no Espírito as palavras do Evangelho, possamos fazer a mesma experiência de fé e acreditemos que Jesus é o Senhor.

Seg, 24 – SEMANA II DO TEMPO PASCAL

At 4, 23-31 / Slm 2, 1-9 / Jo 3, 1-8

Quem não nascer de novo não pode ver o reino de Deus. (Evang.)

Hoje, o leitor peça a Deus para nascer de novo. Se calhar, ficou tão surpreso com esta minha proposta quanto Nicodemos com a proposta de Jesus. Mas diga a Deus que quer nascer de novo e veja o que acontece. Ponha-se em atitude de adoração, em oração solene, e diga a Deus que quer nascer de novo. E, mais que dizer, queira!

Ter, 25 – SÃO MARCOS, EVANGELISTA (Festa)

1 Pe 5, 5-14 / Slm 88 (89), 2-3.6-7.16-17 / Mc 16, 15-20

Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura. (Evang.)

Nós não vamos por todo o mundo nem pregamos o Evangelho a toda a criatura, mas temos o nosso campo de ação. Pregamos através de alguma conversa, alguma partilha, convidando as pessoas para algum movimento a que pertencemos, partilhando alguma oração, algum livro, alguma publicação; tudo isso há pessoas que fazem com bom resultado e também tudo isso são formas de pôr o Evangelho em prática, são formas de amar. O leitor faça e agradeça o que já faz.

Qua, 26 – SEMANA II DO TEMPO PASCAL

At 5, 17-26 / Slm 33 (34), 2-9 / Jo 3, 16-21

Os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque eram más as suas obras. (Evang.)

Repare o leitor que não há uma escolha pelas trevas em si mesmas, mas sim uma preferência pelas obras más. As obras más é que conduzem às trevas. Normalmente, ao pecarmos, não queremos rejeitar Deus, queremos é o pecado. Mas o certo é que, ao pecarmos, por ações ou OMISSÕES, estamos a rejeitar a luz. Peça, hoje, à Luz que as suas ações, ou omissões, não a rejeitem.

Qui, 27 – SEMANA II DO TEMPO PASCAL

At 5, 27-33 / Slm 33 (34), 2.9.17-20 / Jo 3, 31-36

Deve obedecer-se antes a Deus que aos homens. (1ª Leit.)

O que, naturalmente, implica que só se obedeça aos homens na medida em que isso seja compatível com a obediência a Deus. Isso tanto pode implicar obedecer a um preceito legal a que ninguém obedece como praticar um preceito evangélico a que

Jesus deu muita importância, mas que toda a gente parece ter esquecido. O que Deus manda não é «o que toda a gente faz». Peça a Deus a graça de se lembrar disso.

Sex, 28 – SEMANA II DO TEMPO PASCAL

At 5, 34-42 / Slm 26 (27), 1.4.13-14 / Jo 6, 1-15

Mas se vem de Deus, não podereis destruí-la e correis o risco de lutar contra Deus. (1ª Leit.)

Uma das maneiras de lutarmos contra Deus é evitarmos ouvir a sua voz. A ideia volta, a circunstância reaparece, mas nós racionalizamos, pensamos noutra coisa... alienamo-nos. E até rezamos sobre outras coisas para nos convenceremos que Deus não quer o que, no fundo, nós achamos que quer! Hoje, peçamos a graça de o nosso coração perceber que Deus nos quer felizes. (O que é diferente de não sofrer...)

Sáb, 29 – SANTA CATARINA DE SENA (Festa)

1 Jo 1, 5 – 2, 2 / Slm 102 (103), 1-4.8-9.13-14.17-18 / Mt 11, 25-30

Deus é luz. (1ª Leit.)

Se Deus fosse a nossa luz, só veríamos aquilo que Deus queria que víssemos. E qual seria a vantagem disso? É que, por exemplo, veríamos a tentação, porque Deus não nos tira essa visão, mas não veríamos a sua concretização. Não veríamos as maldades dos outros, não veríamos a inveja, não veríamos o snobismo. Não veríamos muita coisa para as quais acendemos as nossas lanternas. O leitor peça a graça de ter a luz de Deus.

Dom, 30 – DOMINGO III DA PÁSCOA – Ano A

At 2, 14.22-33 / Slm 15 (16), 1-2a.5.7-11 / 1 Pedro 1, 17-21 / Lc 24, 13-35

A passagem do Evangelho que hoje meditamos pode ser considerada uma espécie de resumo de todo o Evangelho: da Anunciação, em que vemos o que acontece na nossa vida se escutamos a Palavra, isto é,

tornamo-nos manifestação de Cristo para os outros, até à comunidade que se reúne para celebrar a vitória definitiva do Amor sobre a morte.

Acompanhamos os discípulos de Emaús e, tal como eles,

podemos ler a nossa vida à luz daquilo que aconteceu em Jerusalém. Recordemos que todo o Evangelho é escrito para o “Teófilo”, o “Amigo de Deus”, isto é, para todos nós, para que reconhecamos a verdade daquilo que nos foi anunciado. E como acontece este reconhecimento?

Imaginemos uma criança que nunca conheceu a sua mãe. Um dia, a criança encontra a mãe. Estão ali, uma diante da outra. A criança vê a mãe e não a reconhece. Certamente. Mas o que é que a fará reconhecê-la? No encontro entre elas constitui-se uma relação e será com base no amor e na ternura da mulher que a criança reconhecerá a mãe. Não tanto nas palavras, mas no amor.

Assim somos também nós. O pecado, as estruturas de pecado em que nos encontramos impedem que reconheçamos Deus à nossa volta. Acabamos por fugir d’Ele, porque temos medo. O que podemos fazer para O reconhecer? Como faremos para reconhecer o encontro com aquele que é a Vida?

Os Evangelhos narram-nos muitas coisas de Jesus, com tantos milagres e pessoas que O seguem. Chegou mesmo a devolver a vida a mortos. Mas os milagres são todos coisas

provisórias, são sinais para o verdadeiro milagre que vem relatado no Evangelho de hoje.

Olhemos para estes dois discípulos. O que lhes acontece? Os pés servem para fugir de Jerusalém, a boca para discutir, os olhos estão fechados, o rosto escuro, fechado. O coração, diz o texto, é lento, lento para acreditar. Estão como sem inteligência. São homens mortos, fogem do centro da vida... e o que acontece? Através da escuta da Palavra de Deus, através de toda a Escritura, Jesus explica-lhes o sentido da sua paixão e morte na cruz. No partir do pão reconhecem-No e fazem a passagem do «saber coisas» ao «reconhecimento» do seu significado. Isto leva-os a uma mudança profunda: os mesmos pés que os afastavam de Jerusalém agora levam-nos para lá. Eles, que fugiam da vida, agora vão em direção à vida: *este é o verdadeiro milagre*, o encontro com a Palavra que nos faz passar da morte à vida, da desolação à consolação, da tristeza à luz, à alegria, à comunhão com os outros, nossos irmãos.

Este é o efeito do Evangelho em nós, quando, para lá das palavras, reconhecemos a Palavra em nós e nos nossos irmãos.